

Saldo comercial menor não ameaça crescimento

Para economistas, alta do PIB inferior à registrada em 2004 não significará uma 'marcha à ré' para o País

ESTADO DE SÃO PAULO

Economia - Brasil

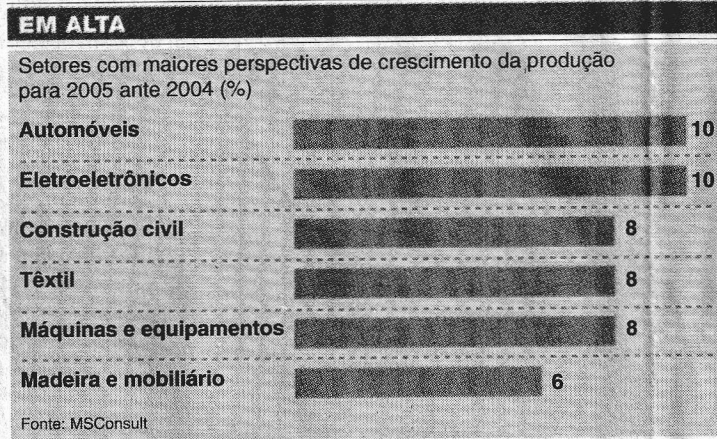
26 DEZ 2004

O saldo comercial menor que o previsto para o ano que vem, em torno de US\$ 26 bilhões ante US\$ 32 bilhões deste ano, não constitui uma ameaça para o crescimento da economia brasileira. Fatores domésticos, como o consumo interno mais acelerado e o maior ritmo de investimentos, deverão sustentar o crescimento da atividade em 2005, porém numa velocidade menor do que a registrada neste ano, prevêem os economistas.

Se neste ano o Produto Interno Bruto (PIB) – a soma de todos os bens e serviços produzidos no País – deve crescer cerca de 5%, a maior taxa em dez anos, as projeções dos economistas para 2005 oscilam entre 3,5% e 4%.

“Neste ano, a economia está numa velocidade de 120 quilômetros por hora e, em 2005, vai cair para 80 quilômetros. Mas isso não significa que vamos dar marcha à ré”, diz o sócio da MS-Consult, Fábio Silveira. Ele destaca que a base de comparação maior afeta a taxa de crescimento projetada e que o ritmo de atividade vai se ressentir no ano que vem da elevação dos juros dos últimos quatro meses. O impacto deverá ser sentido no primeiro trimestre, prevê.

O economista ressalta que, embora a taxa projetada não seja tão expressiva, o crescimento será de melhor qualidade. Silveira argumenta que haverá mais homogeneidade entre os diversos setores,



com taxas expressivas de segmentos que ficaram parte deste ano patinando.

Além disso, ele observa que

entre os setores com maiores taxas de crescimento da produção prevista para 2005 está a construção civil (8%) e a indústria de

máquinas e equipamentos (8%). Ambos têm efeito multiplicador importante sobre outros segmentos da economia e esse é um ponto muito positivo, na opinião do economista.

“Quando a construção civil cresce 8%, o efeito sobre as contratações e geração de renda é muito maior comparativamente ao acréscimo de 12% na produção industrial de eletrônicos”, exemplifica.

MAIS EMPREGOS

Silveira destaca outros setores que terão taxas de crescimento de produção expressivas em 2005, embora num patamar menor ao registrado neste ano. Nesse rol está a indústria automobi-

lística (10%), eletroeletrônica (10%), têxtil (8%), madeira e mobiliário (6%).

O economista da LCA Consultores, Ricardo Denadai, diz que as perspectivas para básicos, como alimentos e artigos de vestuário, são boas para o ano que vem por causa da recuperação da renda e do emprego e da injeção de recursos do novo salário mínimo previsto para maio.

Este ano foi marcado pelo grande crescimento dos bens duráveis em razão da demanda reprimida e da maior oferta de crédito. Para 2005, a perspectiva é de que os duráveis não mantenham esse mesmo vigor, prevê o economista da LCA.

Ele observa que, além da demanda das famílias, a maior perspectiva de gastos com investimento que, nas suas contas, deverá continuar crescendo 9% no ano que vem deverá evitar uma desaceleração mais acentuada na taxa de crescimento do PIB para 2005. ● M.C.